

Debate sobre situação brasileira não atrai público

Discurso longo de Marcílio faz platéia cochilar

BANGCOC — O seminário paralelo sobre o Brasil já se tornou numa tradição nas reuniões anuais do Bird e do FMI. Desta vez, no entanto, o encontro — promovido pela Brazilian-American Chamber of Commerce, Inc. e pela "Gazeta Mercantil" — parece não ter despertado tanto interesse. Ao contrário dos anteriores, não havia ontem jornalistas estrangeiros cobrindo o evento. E os próprios banqueiros e empresários presentes se resignaram a ouvir as palestras passivamente.

Ninguém fez perguntas aos oradores, nem mesmo ao Ministro da Economia, Marcílio

Marques Moreira, que passou quase uma hora explicando a nova política do Governo. Pelo menos dois dos executivos presentes cochilavam: Duncan Stewart, do Banco Real na Grã-Bretanha, e Robert Potter, do Banorte em Miami.

O Presidente do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), Antônio Cláudio Sochaczewski, fez uma apresentação que desagradou visivelmente a vários banqueiros internacionais presentes ao seminário.

— Parece um discurso da Zélia (Cardoso de Mello) — comentaria um deles ao final, referindo-se à lista de fatores apresentados por Sochaczewski para justificar a tese de que a dívida externa brasileira devia-se mais a fatores extemporâneos ("Metade da dívida hoje é devida ao aumento dos juros internacionais, sem con-



tar o impacto dos preços do petróleo"), e também ao fato de o Presidente do Banespa ter dito que o Brasil só deveria pagar daqui por diante aquilo que o Governo achar que é capaz de pagar.

O ponto mais criticado, porém, foi a declaração de Sochaczewski de que "o Brasil

jamais se recusou a honrar os seus compromissos e sempre esteve disposto a negociar".

— Isso é uma mentira deslavada. E a moratória do Funaro? E os atrasados que foram se acumulando até quase US\$ 9 bilhões? — perguntou outro banqueiro credor do Brasil. (J.M.P.)